

RIODONORÊS E GUADRAMILÊS: UM ESTUDO HISTÓRICO E SOCIOLINGUÍSTICO

Luís Paulo Fernandes REIS¹

Resumo: Com o presente estudo quisemos analisar o *guadramilês* e o *riodonorês*, numa perspetiva histórica e sociolinguística, não descurando algumas particularidades fonológicas. Estas duas línguas de descendência asturo-leonesa, pertencentes ao território português, situam-se na zona nordeste de Portugal, junto à fronteira com Espanha. Juntamente com o mirandês, são as únicas línguas não galaico-portuguesas existentes no território nacional que, na opinião de muitos especialistas, é um espaço linguístico de notável unidade (BOLÉO & SILVA, 1962; MAIA, 1992). Telmo Verdelho (1993), considera que estas línguas estão extintas desde meados do século passado e que hoje em dia consistem apenas numa ténue memória linguística completamente desaparecida. No entanto, através do presente estudo, pretendemos demonstrar que, mesmo contando com um reduzido número de falantes, continuam a fazer parte do património linguístico e cultural daqueles que se orgulham de as continuar a utilizar como sua marca identitária. Com efeito, ao longo deste nosso estudo de caso pudemos apurar que estas duas línguas continuam a ser usadas por alguns dos habitantes de Riodonor e Guadramil, mesmo que em situações mais privadas e informais. Julgamos estar, ainda, a tempo de salvar estas línguas que, na opinião dos nossos inquiridos – e também na nossa –, deviam continuar a ser aprendidas em família. Na verdade, uma língua apenas pode ser abandonada pelos seus próprios falantes e, com esta nossa investigação, ficou bem patente que os riodonoreses e os guadramileses parecem não querer abandonar a sua identidade linguística secularmente consagrada.

Palavras-chave: Riodonorês; guadramilês; sociolinguística; línguas minoritárias.

Abstract: With this study we intended to analyze the “Guadramilese” and the “Riodeonorese” in an historic and social-linguistic perspective, not forgetting some phonological particularities. These two languages of Astur-Leonese descendant, belonging to the Portuguese territory, are situated on the Northeast of Portugal, near to the Spanish border. Along with the “Mirandese”, these are the only non-Galician-Portuguese languages of the national territory which is, in the opinion of several specialists, a linguistic space of remarkable unity (Boléo & Silva, 1962, Maia, 1992). Telmo Verdelho (1993), considers that these languages are extinct since the middle of the last century and that currently they are only a faint linguistic memory completely vanished. However, with this study, we intend to show that even though these languages are spoken by a small portion of speakers, they continue to be a part of the cultural and linguistic heritage of those who, proudly, use them as their identity mark. During our study, we could verify that these two languages are still used by some of the Riodonor and Guadramil inhabitants, even though in private or informal situations. We believe, according to our respondents and to our own opinion, that we still have time to save these languages which should continue to be learned in family environment. In fact, one language can only be abandoned by their own speakers and, in our investigation it was quite demonstrated that Riodonor and Guadramil population don't seem to want to abandon their linguistic identity consecrated by the centuries.

Keywords: Riodonorese; Guadramilese; social-linguistics; minority languages.

¹ Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Email: luisdosreis_2@hotmail.com

Introdução

Como sabemos, nem sempre as fronteiras políticas coincidem com as linguísticas e, algumas vezes, os sistemas linguísticos trespassam os limites políticos e ocupam territórios de outras comunidades, de outros países. Segundo Vigón Artos (2000, p. 77) é isto que acontece com o asturiano

e mesmo que num primeiro momento possa pensar-se que somente ocupa terras pertencentes ao Principado das Astúrias, a língua asturiana estende-se também por territórios leoneses, zamoranos, salmantinos, estremenhos e inclusivamente portugueses. (VIGÓN ARTOS, 2000, p. 77)².

Assim, ao longo deste trabalho, tentaremos apresentar algumas razões históricas (apontadas por vários estudiosos) que justificam a existência de idiomas com raízes asturo-leonesas – o mirandês, o guadramilês e o riodonorês – falados em território português. Centrar-nos-emos, contudo, no guadramilês e no riodonorês por considerarmos que estas línguas³ não têm sido objeto de numeroso tratamento.

A par da pretensão apresentada anteriormente, a presente investigação baseia-se na análise de inquéritos aplicados nas aldeias de Riodonor e Guadramil que nos permitem obter uma imagem sobre a situação sociolinguística atual do riodonorês e do guadramilês.

Em resumo, ao longo deste artigo, procurámos dar resposta às seguintes questões de partida:

1. O riodonorês e o guadramilês são línguas extintas, ou continuam a ser utilizadas por alguns falantes?
2. Os habitantes de Riodonor e Guadramil vivem em situações de diglossia?
3. Os falantes de riodonorês e guadramilês são bilingues (ou mesmo trilingues)?
4. O riodonorês e o guadramilês representam um fator importante para a identidade dos riodonoreses e dos guadramileses?
5. Estas línguas fazem parte do dia a dia dos habitantes de Riodonor e Guadramil?
6. Os habitantes de Riodonor e Guadramil consideram que as suas línguas devam continuar a ser aprendidas?

Revisão da literatura

Para muitos linguistas, Portugal Continental é um bloco linguístico de notável homogeneidade. Com efeito, em 1962, Boléo & Silva começavam o seu “Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental” com as seguintes palavras:

uma pessoa, mesmo alheia a assuntos filológicos, que haja percorrido Portugal de norte a sul e conversado com gente do povo, não pode deixar de ficar

² No original: “y aunque nun primer momentu pueda pensase que solamente ocupa tierras pertenecientes al Principáu d’Asturies, la llingua asturiana estiéndese tamién per territorios lleoneses, zamoranos, salmantinos, estremeños ya incluso portugueses” (VIGÓN ARTOS, 2000, p. 77).

³ Por uma questão de facilitismo terminológico, optámos por usar o termo “língua” para nos referirmos ao riodonorês e ao guadramilês. No entanto, estamos conscientes, como mostraremos ao longo do nosso artigo, que a literatura os tem apelidado ora de codialetos, ora de dialetos, ora ainda de falares.

impressionada com a excepcional homogeneidade linguística do País e a sua escassa diferenciação dialectal, e continua, ao contrário do que sucede noutros países, quer de língua românica, quer germânica (BOLÉO & SILVA, 1962, p. 104).

Na mesma linha de pensamento, Maia, em 1992 (p. 25), afirma que

Portugal (nos) surge como um país unilingue, não só institucionalmente, uma vez que se trata de um unilinguismo real: dentro das suas fronteiras não apresenta, além da língua nacional, outras línguas às quais possa aplicar-se o estatuto de “línguas minoritárias”, pelo menos na acepção tradicionalmente aceite e consagrada (MAIA, 1992, p. 25).

Conscientes dos propósitos louváveis dos estudiosos acima mencionados, não podemos, no entanto, deixar de referir que é igualmente consensual a existência, na paisagem linguística de Portugal Continental, de três línguas não filiadas ao ramo histórico do galaico-português: o mirandês, o quadramilês e o riodonorês. Estas variedades, com filiação asturo-leonesa, têm vindo a ser consideradas pelos linguistas ora como codialetos (VASCONCELOS, 1893/1897), ora como dialetos (BOLÉO & SILVA, 1962 e CARVALHO, 1952/2015) ora ainda como falares (SANTOS, 1967).

Com efeito, no século XIX, Vasconcelos enceta os primeiros estudos acerca da dialetologia portuguesa, apresentando, em 1893, a sua *Carta dialectológica do Continente Português* (Cf. CINTRA, 1971, p. 82) que constitui a mais antiga proposta de classificação dos dialetos portugueses continentais. Em 1897, o mesmo autor publica o *Mappa dialectológico do Continente Português* que contém uma classificação sumária das línguas por A. R. Gonçalves Vianna.

Entre 1900 e 1929, Vasconcelos publica três novas propostas de classificação dos dialetos portugueses: em 1900 publica dois volumes dos *Estudos de Filologia Mirandesa*. Em 1901, o autor introduz algumas correções à primeira obra que dão origem à sua tese de doutoramento: *Esquisse d'une dialectologie portugaise* na qual é incluída a segunda proposta de classificação do sistema dialetológico português. Em 1929, Vasconcelos faz publicar no IV volume dos *Opúsculos* de Coimbra a sua terceira proposta de descrição dos dialetos portugueses.

Nas suas publicações de 1893/1897, o Professor Vasconcelos classifica o sistema linguístico português em três grupos muito gerais: “grupos primários, secundários e terciários”, também designados pelo autor como “dialectos, subdialectos e variedades” (Cf. CINTRA, 1971, p. 85-87).

Na sua classificação, Vasconcelos considera a existência de codialetos, nos quais engloba o mirandês, o riodonorês e o quadramilês. O autor entendia por codialetos

idiomas que, conquanto, pelos seus caracteres gramaticais se avizinhem do português mais que outras quaisquer línguas românicas e lhe sejam em parte ligados na obediência às mesmas leis especiais, não estão contudo numa relação tão íntima com ele, considerado língua literária e nacional, como por exemplo os falares da Beira ou do Algarve (Cf. CINTRA, 1971, p.86).

Boléo & Silva (1962, p. 104) consideram, contudo, que o português não tem dialetos mas sim **falares**, reservando a palavra dialeto para as variedades não galego-portuguesas faladas em Portugal Continental: o mirandês, o quadramilês e o riodonorês,

isto é: “variedades locais não galego-portuguesas que pertencem ao domínio leonês, embora faladas em parcelas politicamente portuguesas desse domínio”. Dizem ainda que os traços dos falares não dificultam a sua compreensão ao passo que os dialetos “se afastam algum tanto da língua comum”. Vemos, assim, que aquilo que Leite de Vasconcelos chamou de codialetos nos finais do século XIX é apelidado como dialetos setenta anos depois por Boléo & Silva.

Importa ainda salientar a classificação que Pilar Vásquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz fazem na sua *Gramática Portuguesa* de 1961, nomeadamente no capítulo *Estado actual del português en la Península Ibérica*. Com efeito, nesta referida obra, as autoras incluem o quadramilês e o riodonorês, juntamente com o mirandês, o sendinês, o galego, o falar de Ermesinde, o falar de Alamedilha, os falares de S. Martín de Trevejo, Eljas e Valverde del Fresno, o falar de Olivença e o falar de Barrancos no grupo de *Los lenguajes fronterizos* (Cf. CINTRA, 1971, p. 87-89). Neste capítulo, as autoras agrupam num mesmo conjunto estes sistemas linguísticos pertencentes, por um lado, ao domínio galego-português e, por outro, ao domínio leonês (como é o caso do riodonorês e do quadramilês). Tal como afirma Cintra (1971, p. 87) “é fácil verificar que se trata (...) de uma influência a distância de Leite de Vasconcelos e da sua enumeração dos que chamou ‘co-dialectos’ portugueses”.

Em 1983 é a vez de Cintra publicar as suas investigações nos *Estudos de Dialectologia Portuguesa* onde, à semelhança de Menéndez Pidal, frequentemente por ele citado, nos afirma que

ao longo da fronteira do Nordeste transmontano sobrevive um conjunto de dialectos do asturo-leonês, antiga língua do reino de Leão: no concelho de Bragança o Rionorês e o Quadramilês, falados respectivamente em Rio de Onor e Quadramil; e no concelho de Miranda do Douro, o Mirandês (CINTRA, 1983, p. 497).

Por que razão se falam dialetos leoneses (riodonorês e quadramilês) em território português?

Mas por que razão se falam, então, “dialetos” leoneses em território português?

Como sabemos, o primeiro estudioso português a debruçar-se sobre os falares de Quadramil e de Riodonor foi José Leite de Vasconcelos. Com efeito, no seu artigo *Quadramil e Riodonor*, publicado na Revista Lusitana em 1935 e republicado na mesma revista em 1936, Vasconcelos procura justificar as razões pelas quais se falam, no concelho de Bragança “duas linguagens que não são propriamente portuguesas, mas que se aparentam com o mirandês, em Portugal, e com o lionês, em Hespanha” (VASCONCELOS, 1936, p. 291). Perante este facto, Vasconcelos (1936, p. 291) levanta um problema histórico-glotalógico que enuncia da seguinte forma: “formaram-se tais linguagens **in loco**, ou fazem parte de um domínio glótico mais extenso?”

De modo a tentar dar resposta a esta questão/problema, Vasconcelos (1936) afirma que no tempo de D. Afonso III (século XIII) havia, no lugar onde se encontra a aldeia de Quadramil, um **vilar velho** que estava, então, despovoado e que foi conquistado e povoado pelos Templários de Alcanices. Desta feita, “temos pois Lioneses como povoadores ou repovoadores, de Quadramil, onde implementaram o seu dialecto, hoje, após sete séculos, representado pelo quadramilês” (VASCONCELOS, 1936, p. 291).

No que respeita à aldeia de Riodonor, Vasconcelos (1936, p. 291) informa-nos que na época das Inquirições de D. Afonso III “era uma vila, ou ‘quinta rústica’, de certa

extensão, dividida em duas partes, uma delas em Lião, e a outra na fronteira portuguesa, dentro de Portugal”.

Em resumo, o supracitado autor conclui que o guadramilês e o riodonorês dependem originalmente do sistema linguístico leonês, tendo sido importados de Leão para Portugal no século XIII.

No seu artigo *Porque se fala dialecto leonês em Terra de Miranda?*, publicado em 1952 e republicado em 2015⁴, é a vez de Herculano de Carvalho (2015, p. 220) referir que no concelho de Bragança se encontram estas duas aldeias – Riodonor e Guadramil – onde “se fala igualmente o dialecto leonês”. Para este autor, as circunstâncias que condicionam a existência destes dialetos leoneses em terras de Bragança são semelhantes às que condicionam a existência do mirandês em Terras de Miranda e, tal como já havia referido Leite de Vasconcelos, prendem-se com o facto destas duas aldeias terem sido povoadas por descendentes do Reino de Leão⁵.

Carvalho diz que a aldeia de Guadramil terá sido povoada por homens de Bragança, mas acrescenta que

na época das Inquirições estava na posse de Pedro Rodrigues e de seus irmãos talvez descendentes dos antigos povoadores, por vilãos leoneses, casados com descendentes dos mesmos, e pelos Templários de Alcanices, que aí obtiveram, ao que parece pouco antes, cinco casais pela força (CARVALHO, 2015, p. 220).

No que respeita a Riodonor, o mesmo autor refere que já na Idade Média (altura das Inquirições) se encontrava dividida em duas partes – separadas pelo rio – sendo uma pertença do Reino de Portugal e a outra do Reino de Leão. Como se não bastasse, a metade portuguesa encontrava-se na posse de Pero Garcia, Escudeiro, e de seus irmãos, pertencendo o restante aos Espotários de Uclés⁶.

O autor fala, ainda, da intensa colonização leonesa que se realizou em territórios portugueses desde o século XIII até, provavelmente, ao século XV. Diz Carvalho (2015, p. 211) que “nessa colonização o papel primordial foi desempenhado pelos mosteiros de Morerueta e San Martín de Castañeda, mas colaboraram nele igualmente os Templários de Alcañices e vários particulares”.

Para Merlan (2009, p. 64-65) estes acontecimentos contribuíram para “la consolidación (y no a la implantación) de la variedad ástur en esta área”.

Menéndez Pidal, referido em Vigón Artos (2000) afirma que a Igreja de Bragança, durante a Alta Idade Média, pertenceu à diocese de Astorga até à altura que se desmembrou pela dificuldade de pertencer a um reino diferente.

Para justificar a subsistência até à década de cinquenta do século XX (e porque não até aos dias de hoje?) dos dialetos leoneses em Terra de Miranda, Herculano de Carvalho (2015, p. 222) aponta duas razões: “a primeira, o isolamento dessa região em relação ao resto do país, a qual já Leite de Vasconcelos (Estudos 2, 11) se referiu, e a segunda, em parte consequência daquela, o contacto com as vizinhas terras do reino de

⁴ A edição por nós utilizada é a de 2015: Carvalho, J. H. (2015). *Fonologia Mirandesa e outros estudos sobre o mirandês*.

⁵ Herculano de Carvalho, para justificar esta presença leonesa em terras transmontanas, invoca os vilãos leoneses, os Templários de Alcanices, os “homines de Leon”, o Mosteiro de Morerueta, entre outros. (Cf. Herculano de Carvalho, 2015, p. 220-226).

⁶ Carvalho (2015) refere que os Espotários de Uclés seriam, provavelmente, os ‘homines de Leon’ referidos pelo prelado Bermundo Sanches.

Leão”. Embora o autor supracitado mencione estas razões para fundamentar os motivos da sobrevivência dos dialetos leoneses em terras mirandesas, julgamos que não será muito ousado da nossa parte apontar as mesmas razões (ou outras idênticas) para justificar estes vestígios leoneses em terras de Guadramil e Riodonor.

Estudo empírico

Caracterização de Riodonor e Guadramil

O presente estudo de caso foi realizado nas aldeias de Riodonor e Guadramil. Antes de avançarmos com a apresentação do estudo, deixamos um pequeno apontamento acerca destas duas aldeias.

Riodonor é uma aldeia portuguesa, situada no nordeste transmontano, pertencente ao concelho e distrito de Bragança e distando cerca de 27 km desta cidade.

De acordo com os recenseamentos de 2011, conta com 76 habitantes.

Riodonor subsiste ainda como uma *aldeia comunitária*, regime que pressupõe a partilha e entreatada dos seus habitantes nas seguintes modalidades:

- Partilha de terrenos agrícolas comunitários nos quais todos devem trabalhar e cujas colheitas são divididas por todos;
- Partilha dos fornos comunitários;
- Partilha de um rebanho, pastoreado nos terrenos comunitários.

Para além destas características peculiares, Riodonor possuiu uma outra particularidade: a aldeia é dividida a meio pela fronteira internacional entre Portugal e Espanha, sendo, para efeitos oficiais, a parte espanhola denominada Rihonor de Castilla (pertencente oficialmente à Província de Zamora, fazendo parte da comunidade de Castela e Leão e distando 120 km da sua capital de Província: a cidade de Zamora).

Mesmo que usufruindo de um regime próprio, para os seus habitantes, ambas as partes são conhecidas como “povo de acima” e “povo de abaixo”, não as distinguindo, assim, como dois povoados diferentes.

No que respeita a Guadramil: é, igualmente, uma aldeia transmontana do distrito de Bragança, localizada em pleno Parque Natural de Montesinho, a cerca de 30 km da sua capital de concelho e distrito: Bragança. É, portanto, vizinha de Riodonor.

É uma aldeia tipicamente transmontana que se debate com a falta de população (cerca de trinta residentes permanentes, a maior parte já bastante idosa). Encontra-se muito próximo da fronteira com Espanha, distando a poucos metros das aldeias espanholas de Riomanzanas e Santa Cruz de los Cuérragos.

À semelhança da aldeia de Riodonor, também Guadramil foi, durante muitos anos, uma aldeia comunitária, onde os seus habitantes partilhavam o moinho, o rebanho, a forja e alguns terrenos agrícolas, peculiaridade que nos dias correntes já não possui.

Metodologia do Estudo de Caso

O presente estudo consta de uma investigação sociolinguística acerca da situação atual do quadramilês e do riodonorês nas respetivas aldeias onde o mesmo ainda é falado: Guadramil e Riodonor.

De acordo com Huberman & Miles (1991), segundo o ponto de vista metodológico, a investigação em causa identifica-se com um estudo de caso. Para estes autores, um estudo de caso é o estudo pormenorizado de uma situação bem definida, em que cada caso, embora semelhante a outros, tem sempre um caráter único, que forma uma unidade dentro de um sistema, residindo o interesse do estudo no que ele apresenta de

singular. Pode não ser representativo de um universo determinado e o seu interesse pode não ser o da generalização, mas será o da investigação de uma situação específica.

Para Reis (2011, p. 24), o estudo de caso não permite estabelecer relações nem generalizações, mas pode apresentar informações de uma importância tal que obriguem a colocar novas hipóteses não consideradas, levando a uma revisão de conhecimentos que pareciam firmes.

Assim, este estudo, depois de tentar visitar algumas teorias sobre a filiação linguística destas duas línguas, baseia-se numa análise sistematizada dos dados obtidos mediante a aplicação de inquéritos⁷ por questionário e de algumas entrevistas e gravações⁸.

Para a recolha de dados, aplicámos, nas aldeias referidas, um inquérito por questionário e realizámos algumas entrevistas e gravações nas línguas vernáculas.

Os inquéritos aplicados para obtenção dos dados eram constituídos por quarenta e seis itens de resposta.

Utilizando a classificação de Lakatos & Marconi (1988), quanto à forma, o inquérito era constituído por perguntas fechadas – que facilitam a interpretação –; perguntas abertas – permitindo obter um leque variado de opiniões, mas dificultando o processo de interpretação –; perguntas de múltipla escolha com mostruário – em que eram apresentadas várias escolhas de resposta – e combinação de múltipla escolha com abertas.

Este inquérito sociolinguístico estava repartido em seis blocos temáticos da seguinte forma:

1. *Dados sociais*: perguntas 1.1. a 1.10.
2. *Usos linguísticos*: perguntas 2.1. a 2.10.
3. *Competência linguística (falar, compreender, ler, escrever)*: perguntas 3.1. (3.1.1., 3.1.2.), 3.2. (3.2.1., 3.2.2., 3.2.3., 3.2.4.).
4. *Aquisição/Aprendizagem da(s) língua(s) falada(s)*: perguntas 4.1. a 4.6.
5. *Atitudes linguísticas*: perguntas 5.1. e 5.2.
6. *Língua e identidade*: pergunta 6.1.

As perguntas do primeiro bloco – dados sociais – servem para estabelecer os perfis dos inquiridos e, desta forma, para podermos observar diferenças entre gerações, entre sexos, classes sociais, níveis de escolarização e/ou grupos profissionais.

Com a análise das perguntas relativas aos *usos linguísticos*, interessa-nos determinar até que ponto os habitantes destas localidades estão numa situação de diglossia, procurando perceber se o uso do riodonorês e do quadramilês está reservado para situações informais e privadas e o uso de português (ou espanhol) para situações públicas e mais formais, procurando assim responder à nossa questão de partida número dois.

⁷ O inquérito utilizado foi baseado em Merlan (2009) com adaptações feitas pelo autor do estudo.

⁸ Embora tenhamos realizado várias entrevistas e gravações no mesmo dia que aplicámos os inquéritos, no presente estudo não vamos utilizar – pelo menos pormenorizadamente – os dados recolhidos nas mesmas, reservando-nos o direito de usar essa informação em futuras investigações. Não descaramos, contudo, a utilização de pequenos apontamentos recolhidos nas referidas entrevistas.

De modo a obtermos uma análise sustentada sobre a *competência linguística* dos nossos informantes, tivemos em conta quatro habilidades: falar, compreender, ler e escrever⁹.

Conscientes de que a competência linguística pode variar significativamente de informante para informante, dividimos as perguntas relativas a esta temática em cinco níveis de conhecimento: nível zero (*nada*), nível baixo (*um pouco*), nível médio (*mais ou menos*), nível elevado (*bem*) e nível muito elevado (*muito bem*).

Com os itens respeitantes à *aquisição/aprendizagem da(s) língua(s) falada(s)*, procurámos verificar qual a língua que os informantes aprenderam em primeiro lugar bem como aquela que ensinaram aos seus filhos como língua materna. Ao longo deste conjunto de perguntas procurámos ainda averiguar a fonte de transmissão das línguas em análise (pais, avós, vizinhos, amigos, etc.).

Com as perguntas do bloco temático *atitudes linguísticas*, procurámos dar resposta a algumas das nossas questões de partida: *O riodonorês e o quadramilês representam um fator importante para a identidade dos riodonoreses e dos quadramileses? Estas línguas fazem parte do dia a dia dos habitantes de Riodonor e Quadramil? Os habitantes de Riodonor e Quadramil consideram que as suas línguas deviam continuar a ser aprendidas?*

A pergunta relativa ao item *língua e identidade* serviu para verificar se os habitantes destas localidades sentem que o conjunto da cultura que caracteriza as suas aldeias (no qual está englobada, evidentemente, a língua) é suficientemente forte para se considerarem riodonoreses/quadramileses e não portugueses, o que nos permite, igualmente, tentar responder à questão de partida número quatro.

Dado que o riodonorês e o quadramilês não têm expressão escrita, os questionários foram redigidos e respondidos em português.

No que respeita às entrevistas/gravações, foram realizadas sete: seis na aldeia de Riodonor e uma na aldeia de Quadramil. Todos os entrevistados pertencem à amostra dos informantes que responderam ao inquérito. Para a eleição dos entrevistados tivemos em conta o fator “sabe falar riodonorês/quadramilês”, pressuposto que procurávamos saber antes da realização da entrevista. As entrevistas foram conduzidas pelo autor do estudo (entrevistas guiadas). No que respeita às gravações, realizamo-las sobretudo com o intuito de recolher léxico das línguas em análise. Estas gravações foram de tema livre. Com efeito, antes de as iniciarmos, juntámos grupos de duas pessoas e pedimos-lhes que pensassem num possível diálogo a realizar entre eles nas línguas vernáculas, sem a nossa intervenção.

O trabalho no terreno foi realizado pelo autor da investigação no dia 2 de abril de 2016 nas aldeias de Riodonor (parte espanhola e parte portuguesa) e Quadramil. Em Riodonor de Portugal foram aplicados 12 (doze) inquéritos e em Rihonor de Castilla, 3 (três). Na aldeia de Quadramil, inquirimos 5 (cinco) informantes. Quanto às entrevistas/gravações, efetuámos seis na aldeia portuguesa de Riodonor e uma na aldeia de Quadramil.

Apresentação e discussão dos resultados

Dados de Riodonor de Portugal e Quadramil

Por nos parecer permitir uma leitura mais fácil, optámos por fazer a análise conjunta dos dados dos inquéritos de Riodonor e Quadramil. No entanto, sempre que

⁹ Estas quatro habilidades foram tidas em conta para o português. Como sabemos, o riodonorês e o quadramilês não têm expressão escrita e, como tal, nas questões respeitantes à competência destas duas línguas apenas foram consideradas as habilidades “falar” e “compreender”.

considerarmos pertinente, faremos uma explicação diferenciada entre uns e outros informantes.

Para uma visualização mais rápida e sucinta, apresentaremos alguns dados em tabelas, após as quais teceremos alguns comentários.

Dados sociais

Na aldeia de Riodonor de Portugal, foram inquiridos doze informantes e, na aldeia de Quadramil, cinco; ou seja, nas duas aldeias, foi inquirido um total de dezassete informantes¹⁰. Destes, dez eram do sexo feminino e sete do sexo masculino. O informante mais novo tinha 24 anos e o mais velho, 90. A maior parte dos informantes estava na casa dos 70/80 anos (onze informantes com mais de 70 anos).

Na aldeia de Riodonor, entrevistámos seis informantes e em Quadramil apenas um que, segundo a população com a qual falámos, é das poucas pessoas que ainda sabe falar quadramilês¹¹.

Dos 17 informantes, apenas três da aldeia de Riodonor não nasceram nesta localidade (um nasceu em Lisboa e dois noutras povoações do distrito de Bragança). Todos os inquiridos de Quadramil nasceram e foram criados na referida aldeia.

Quanto ao local de residência, atualmente, nove dos informantes residem na aldeia de Riodonor e os outros três, embora residam fora de Riodonor, vão lá frequentemente (nas férias e fins de semana). Dos cinco inquiridos de Quadramil, três vivem lá permanentemente e dois dividem a residência entre Quadramil e Bragança.

Excetuando o caso de um dos informantes que apenas vive ou viveu em Riodonor seis anos, todos os restantes inquiridos moram ou moraram na referida aldeia quinze ou mais anos, havendo, inclusive, dois informantes que nunca saíram de lá (moram em Riodonor desde o nascimento). Quanto aos informantes de Quadramil, todos viveram nesta aldeia a maior parte das suas vidas. Vemos assim que a totalidade dos inquiridos nunca perdeu o contacto com as referidas aldeias.

Com a exceção dos pais de um dos informantes (que moraram em Laviadas – aldeia do concelho de Bragança que fica a poucos quilómetros de Riodonor), os pais dos restantes onze inquiridos moraram em Riodonor. Os progenitores dos inquiridos de Quadramil também viveram nesta aldeia toda a sua vida.

Relativamente ao estado civil, dez informantes eram casados, três viúvos e quatro solteiros. Da nossa amostra de dezassete elementos, doze têm filhos e cinco não.

Quanto às profissões, a maioria dos inquiridos era agricultor(a) e domésticas. Foram também inquiridos dois professores, um assistente técnico, uma enfermeira e uma técnica de radioterapia.

Nenhum dos inquiridos era analfabeto. Doze andaram ou concluíram a instrução primária e cinco possuíam o ensino superior.

¹⁰ Também foram inquiridos por nós três habitantes de Rihonor de Castilla. No entanto, como é uma amostra pouco significativa e pertencente a uma realidade linguística diferente dos restantes elementos da amostra, resolvemos não a incluir na discussão dos dados aqui apresentados.

¹¹ Na verdade, foi-nos dito pela população com a qual falámos que há, atualmente, duas pessoas que falam quadramilês fluentemente. Uma dessas pessoas foi inquirida e entrevistada por nós e a outra encontrava-se fora da aldeia no momento da nossa recolha de dados.

Usos linguísticos

Tabela 1: Língua(s) que os riodonoreses sabem falar

Nome(s) da(s) língua(s)	N.º de respostas
Português e espanhol	3
Português, riodonorês e espanhol	9
TOTAL	12

Elaboração própria

Tabela 2: Língua(s) que os guadramileses sabem falar

Nome(s) da(s) língua(s)	N.º de respostas
Português e espanhol	4
Português, guadramilês e espanhol	1
TOTAL	5

Elaboração própria

Quanto às línguas que sabem falar – e como podemos constatar através das Tabelas 1 e 2 – nenhum inquirido diz saber falar apenas português¹². Com efeito, no tocante aos inquiridos de Riodonor, nove dizem saber falar português, espanhol e riodonorês, e três falam português e espanhol. Quanto aos inquiridos de Guadramil, quatro dizem saber falar português e espanhol e um português, guadramilês e espanhol. Uma primeira conclusão interessante que podemos aferir desta recolha de dados é que a totalidade dos inquiridos diz saber falar, a par do português, o espanhol. Dos doze inquiridos de Riodonor, nove dizem saber falar riodonorês, o que nos parece um número bastante significativo.

Tabela 3: Língua(s) que os riodonoreses falam no dia a dia

Nome(s) da(s) língua(s)	N.º de respostas
Português	2
Português e espanhol	5
Português, riodonorês e espanhol	5
TOTAL	12

Elaboração própria

Tabela 4: Língua(s) que os guadramileses falam no dia a dia

Nome(s) da(s) língua(s)	N.º de respostas
Português	4
Português e guadramilês	1
TOTAL	5

Elaboração própria

No que respeita às línguas que os riodonoreses falam no dia a dia – e como podemos conferir através da Tabela 3 – cinco dizem falar português, espanhol e riodonorês; o mesmo número diz falar português e espanhol e dois (que atualmente moram fora de Riodonor) dizem falar apenas português. Assim, encontramos dez pessoas a falar, diariamente, português e espanhol e cinco que falam, ainda, no seu dia a dia, o

¹² Interessa-nos aqui apenas o conjunto das línguas: português, espanhol e riodonorês/guadramilês. Alguns informantes disseram saber falar também francês, italiano, inglês e alemão, mas não as considerámos por não se enquadrarem nos objetivos propostos nesta investigação.

riodonorês. No tocante aos quadramilese, a Tabela 4 mostra-nos que apenas um utiliza no seu dia a dia o quadramilês (juntamente com o português) ao passo que os restantes apenas usam o português.

Com base na análise destas duas últimas questões – *línguas que sabe falar e línguas que fala no dia a dia* – podemos dar resposta a duas das nossas questões de partida: 1. *O riodonorês e o quadramilês são línguas extintas, ou continuam a ser utilizadas por alguns falantes?*; 3. *Os falantes de riodonorês e quadramilês são bilingues (ou mesmo trilingues)?* Assim, como base nos juízos linguísticos que os nossos informantes fazem acerca destes pressupostos, sentimo-nos em condições de afirmar que o riodonorês e o quadramilês não são duas línguas extintas, continuando a ser utilizadas no dia a dia, como vimos, por alguns falantes. Apoiando-nos na definição que Leiria (2001) faz de bilinguismo – qualquer situação em que mais do que um sistema linguístico é usado regularmente – podemos também aferir que a população de Riodonor e Quadramil é bilingue ou mesmo trilingue, uma vez que todos os nossos inquiridos falam, a par do português, o espanhol. Grande parte dos inquiridos de Riodonor ainda fala riodonorês e parte deles utilizam-no no seu dia a dia. No entanto, podemos também aferir que o quadramilês tem, atualmente, uma vitalidade muito inferior ao riodonorês porque apenas um dos nossos informantes diz saber falá-lo e o utiliza diariamente.

Tabela 5: Língua(s) falada(s) em situações privadas pelos riodonorese

Nome(s) da(s) língua(s)	N.º de respostas
Português	7
Português e riodonorês	1
Português e espanhol	2
Português, riodonorês e espanhol	2
TOTAL	12

Elaboração própria

Tabela 6: Língua(s) falada(s) em situações privadas pelos quadramilese

Nome(s) da(s) língua(s)	N.º de respostas
Português	4
Português e quadramilês	1
TOTAL	5

Elaboração própria

Relativamente às línguas que falam em situações privadas, e como nos apercebemos com a leitura da Tabela 5, na aldeia de Riodonor, sete inquiridos dizem falar apenas português; dois afirmam falar português, riodonorês e espanhol, e dois português e espanhol; um inquirido afirma falar português e riodonorês. Na aldeia de Quadramil, quatro inquiridos dizem falar apenas português e um português e quadramilês (Cf. Tabela 6). Ou seja, da nossa amostra, três inquiridos ainda falam riodonorês e um quadramilês em situações privadas.

Dos dez inquiridos casados das duas aldeias, oito afirmam falar apenas português com o seu respetivo cônjuge, e dois falam português e espanhol.

No que concerne às línguas que falam com os irmãos, dez inquiridos afirmaram falar apenas português e quatro disseram falar português e riodonorês. Os outros três inquiridos não tinham irmãos.

Para contar anedotas, treze inquiridos usam o português; um usa o português e o espanhol, e três o português e o riodonorês. Uma vez mais, vemos aqui o riodonorês com alguma vitalidade em situações mais privadas.

Quando vão às compras, doze inquiridos usam o português e o espanhol, e cinco apenas o português. Estes dados permitem-nos concluir que grande parte da população de Riodonor e Guadramil vai às compras a Espanha. Este facto é facilmente explicável pela maior proximidade destas localidades a centros urbanos espanhóis¹³.

A totalidade dos inquiridos quando reza em casa usa o português para o fazer.

Para falar com os animais caseiros e o gado, em Riodonor quatro inquiridos usam a língua portuguesa e o riodonorês; três usam o português, o espanhol e o riodonorês, e cinco usam apenas o português. Em Guadramil, quatro usam o português e um apenas o guadramilês. Constatamos, assim, que, da nossa amostra, ainda temos sete pessoas a usar o riodonorês e uma o guadramilês quando falam com os animais.

Para praguejar ou dizer asneiras, dos riodonoreses, três dizem usar o português; dois afirmam usar apenas o riodonorês; quatro referem utilizar o português e o riodonorês; um usa o português e o espanhol e dois usam o português, o espanhol e o riodonorês. Dos guadramileses, quatro dizem utilizar o português e um apenas o guadramilês. Vemos, assim, que oito inquiridos de Riodonor e um de Guadramil utilizam as respetivas línguas para dizer coisas triviais.

Com o conjunto das respostas pertencentes a este último item, sentimo-nos em condições de responder à nossa segunda questão de partida. Com efeito, a situação sociolinguística nas aldeias de Riodonor e Guadramil corresponde, segundo a aceção de Fishman (1967), a uma situação de diglossia (social) com bilinguismo (individual). As línguas em contacto (português, espanhol, riodonorês e guadramilês) são usadas com funções bem distintas nestas duas localidades, existindo uma forte divisão funcional entre elas: o português e/ou o espanhol são usados em certos domínios sociais onde o riodonorês e o guadramilês são excluídos. Assim, o português e/ou o espanhol representam, segundo a terminologia clássica de Fergusson (1959), a *high-variety* (língua de prestígio), de uso prioritário ou exclusivo nos domínios sociais públicos (quando vão às compras, por exemplo). No campo oposto, encontramos o riodonorês e o guadramilês que correspondem à *low-variety* (língua estigmatizada), sem prestígio social, usadas quase exclusivamente no domínio privado ou do foro íntimo (contar anedotas, falar com os irmãos, falar com os animais domésticos ou com o gado)¹⁴.

Competência linguística

Tabela 7: Competência linguística na oralidade do riodonorês

Hipóteses do mostruário	N.º de respostas
Nada	2
Um pouco	3
Mais ou menos	0
Bem	4
Muito bem	3
TOTAL	12

Elaboração própria

¹³Com efeito, Puebla de Sanabria (município da província de Zamora), onde se pode fazer compras, fica a cerca de 15Km de Riodonor e Guadramil ao passo que Bragança, que é a localidade portuguesa mais próxima para se ir às compras, fica a cerca de 30Km destas aldeias.

¹⁴Esta conclusão será corroborada com a discussão dos dados pertencentes ao bloco de perguntas sobre as *atitudes linguísticas*.

Tabela 8: Competência linguística na oralidade do quadramilês

Hipóteses do mostruário	N.º de respostas
Nada	0
Um pouco	2
Mais ou menos	2
Bem	0
Muito bem	1
TOTAL	5

Elaboração própria

A tabela 7 mostra-nos que dos doze inquiridos de Riodonor, apenas dois referiram que não falam nada de riodonorês; três afirmaram falá-lo um pouco; quatro disseram que o falavam bem e três muito bem. Dos cinco inquiridos de Quadramil, dois afirmaram falá-lo um pouco; dois mais ou menos e um muito bem (Cf. Tabela 8). Estes dados, principalmente no que respeita à amostra de Quadramil, permitem-nos verificar que a sua população, afinal, sabe falar quadramilês (já que não temos nenhum informante a dizer que o não sabe falar). Assim, depreendemos que se não o falam não será por não saberem, mas, talvez, devido a certo preconceito linguístico ainda existente.

Tabela 9: Compreensão do riodonorês

Hipóteses do mostruário	N.º de respostas
Nada	0
Um pouco	0
Mais ou menos	0
Bem	7
Muito bem	5
TOTAL	12

Elaboração própria

Tabela 10: Compreensão do quadramilês

Hipóteses do mostruário	N.º de respostas
Nada	0
Um pouco	0
Mais ou menos	2
Bem	1
Muito bem	2
TOTAL	5

Elaboração própria

Quanto à compreensão do riodonorês e do quadramilês (Cf. Tabelas 9 e 10), não temos nenhum informante que tenha afirmado não os compreender. Com efeito, do total da amostra de Riodonor, sete referiram que compreendiam riodonorês bem e cinco muito bem. Da totalidade da amostra respeitante ao quadramilês, dois referiram compreendê-lo mais ou menos, um bem e dois muito bem.

Focando-nos nos níveis de conhecimento da habilidade ‘falar’ do riodonorês e do quadramilês, temos sete informantes que se encaixam nos *níveis zero/baixo* e dez nos *níveis médio/elevado/muito elevado*. Estes dados permitem-nos dizer que a maioria dos nossos inquiridos tem uma proficiência satisfatória ou muito satisfatória na fala destas duas línguas.

No que respeita à habilidade ‘compreender’, todos os inquiridos se encontram nos níveis *médio/elevado/muito elevado*. Assim, podemos concluir que, mesmo que alguns informantes não falem estas línguas, todos têm uma compreensão satisfatória ou muito satisfatória das mesmas.

Tabela 11: Nome da língua que os riodonoreses aprenderam em primeiro lugar

Nome da língua	N.º de respostas
Português	4
Riodonorês	8
TOTAL	12

Elaboração própria

Tabela 12: Nome da língua que os quadramilesees aprenderam em primeiro lugar

Nome da língua	N.º de respostas
Português	3
Quadramilês	2
TOTAL	5

Elaboração própria

No que concerne à língua que os informantes de Riodonor aprenderam em primeiro lugar, a tabela 11 permite-nos equacionar que quatro dizem ter aprendido o português como língua materna e oito o riodonorês. Os informantes que dizem ter aprendido o português como língua materna são os três informantes mais novos (menos de 50 anos) e um que nasceu e foi criado numa outra aldeia do distrito de Bragança (Laviadas). Quanto aos informantes de Quadramil, a tabela 12 mostra-nos que três terão aprendido o português como língua materna (os informantes mais novos) e dois o quadramilês. Assim, podemos inferir que na altura da aquisição da língua da maioria dos nossos informantes (sobretudo dos informantes com mais de 70 anos) o riodonorês e o quadramilês estavam perfeitamente enraizados nos hábitos linguísticos daquela população ao ponto dos seus pais lhes terem ensinado como língua materna.

Tabela 13: Língua(s) que os riodonoreses ensinaram aos filhos como língua materna

Nome(s) da(s) língua(s)	N.º de respostas
Português	4
Riodonorês	2
Português e riodonorês	3
TOTAL	12

Elaboração própria

Tabela 14: Língua(s) que os quadramilesees ensinaram aos filhos como língua materna

Nome(s) da(s) língua(s)	N.º de respostas
Português	2
Quadramilês	1
Português e quadramilês	0
TOTAL	3

Elaboração própria

Quanto à/às língua/s que os nossos informantes de Riodonor ensinaram aos seus filhos como língua materna, três referem que ensinaram simultaneamente o português e o riodonorês; quatro afirmam que ensinaram o português e dois o riodonorês. No tocante

aos informantes de Guadramil, dois ensinaram-lhes o português e um o *guadramilês*¹⁵. Vemos, assim, que estas línguas vernáculas continuam, no presente, a ser ensinadas como língua materna (Cf. Tabelas 13 e 14).

Tabela 15: Forma como os riodonoreses aprenderam o riodonorês

Hipóteses do mostruário	N.º de respostas
Em casa com os pais	9
Com os avós	7
Com os vizinhos	8
Na escola	0
Com o cônjuge, após o casamento	1
Com os amigos	4
TOTAL	29

Elaboração própria

Tabela 16: Forma como os *guadramilese*s aprenderam o *guadramilês*

Hipóteses do mostruário	N.º de respostas
Em casa com os pais	5
Com os avós	4
Com os vizinhos	0
Na escola	0
Com o cônjuge, após o casamento	0
Com os amigos	0
TOTAL	9

Elaboração própria

Quanto à forma como aprenderam o riodonorês e o *guadramilês*, a maioria dos inquiridos diz tê-los aprendido em casa com os pais e com os avós. Alguns referem que os aprenderam, também, com os vizinhos e os amigos, e um inquirido tê-lo-á aprendido com o seu cônjuge após o casamento (Cf. Tabelas 15 e 16).

Na infância dos nossos inquiridos, os seus pais e amigos comunicavam, entre eles e com eles, sobretudo nas línguas locais e um número reduzido de casos (dados dos três informantes mais novos) exclusivamente em português.

Atitudes linguísticas

Tabela 17: Nome(s) que os riodonoreses chamam ao riodonorês

Nomes (respostas dadas)	N.º de respostas
Dialeto	11
Nossa língua	3
Nossa moda	3
Língua antiga	2
Riodonorês	1
Xapurrial	1
TOTAL	21

Elaboração própria

¹⁵ Lembramos que nem todos os habitantes têm filhos.

Tabela 18: Nome(s) que os quadramilese chamam ao quadramilês

Nomes (respostas dadas)	N.º de respostas
Quadramilês	5
Dialeto	2
TOTAL	7

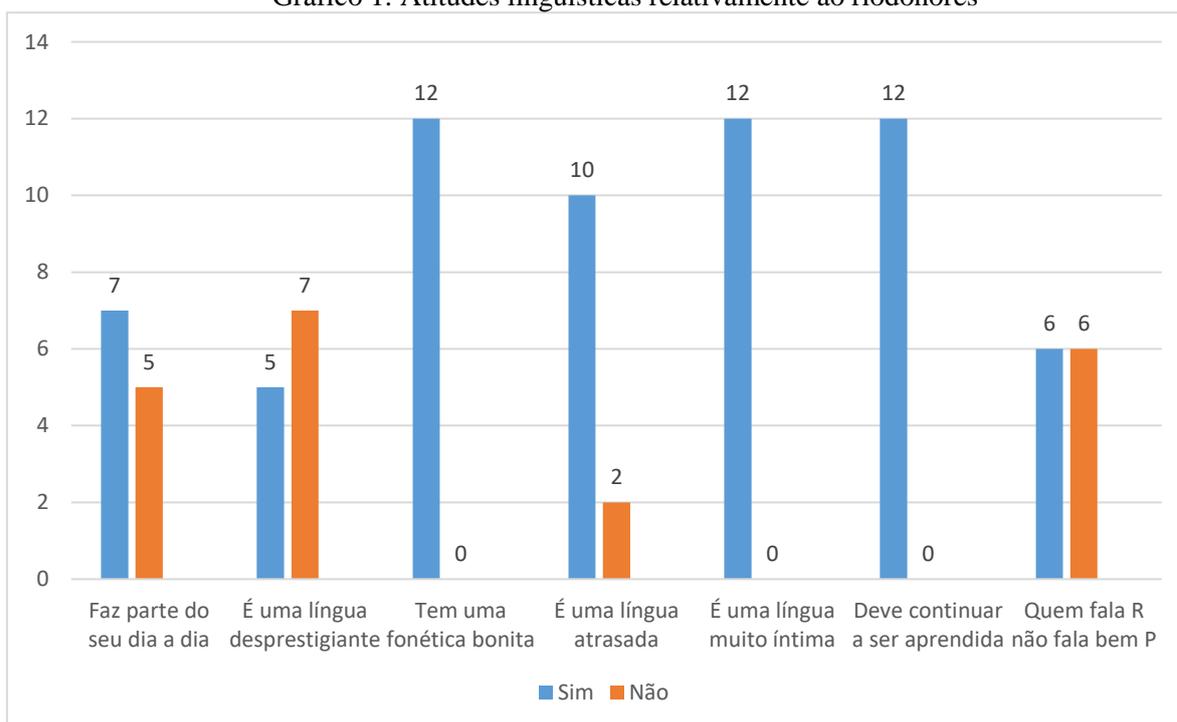
Elaboração própria

No que respeita ao/s nome/s que as pessoas chamam ao riodonorês, e de acordo com a Tabela 17, temos onze respostas para “dialeto”; uma resposta para “riodonorês”; uma para “xapurrial”; três para “nossa língua”; três para “nossa moda” e duas para “língua antiga”. Quanto às designações para com o quadramilês (Cf. Tabela 18), encontramos cinco respostas para “quadramilês” e duas para “dialeto”¹⁶. À semelhança do que disse Vasconcelos em 1900, relativamente ao mirandês, conseguimos ver, principalmente nos informantes de Riodonor, certo orgulho no que concerne à sua língua local ao ponto de a apelidarem de “nossa língua” e “nossa moda”.

A pergunta 5.2. do nosso inquérito era formada por um conjunto de pressupostos, relativos às línguas em análise, sobre os quais os nossos informantes eram convidados a manifestar a sua concordância ou discordância.

Para uma visualização mais concisa desses pressupostos e das respetivas respostas, resolvemos apresentar os gráficos 1 e 2.

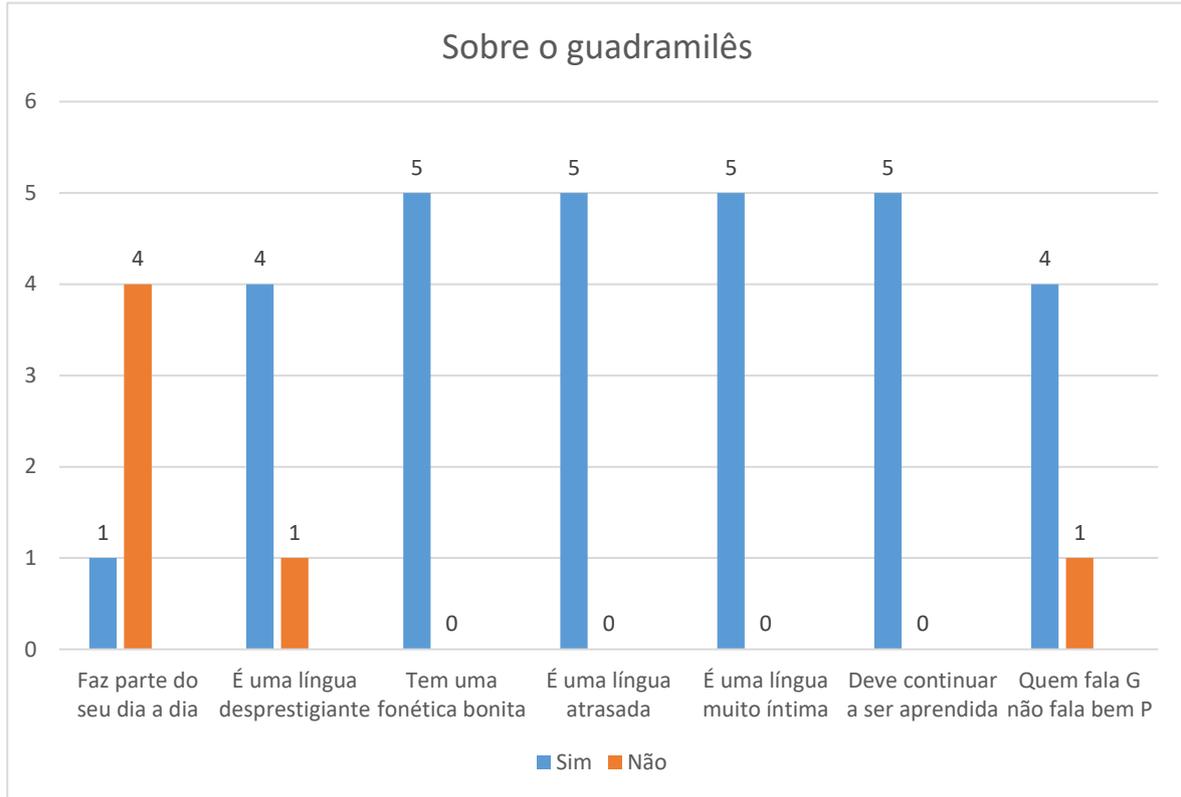
Gráfico 1: Atitudes linguísticas relativamente ao riodonorês



Elaboração própria

¹⁶ Nesta resposta, os informantes puderam referir mais do que uma expressão, ou seja, tantas quantas eles conheciam.

Gráfico 2: Atitudes linguísticas relativamente ao quadramilês



Elaboração própria

Com a análise dos Gráficos 1 e 2, verificámos que a totalidade dos inquiridos concorda que o riodonorês/quadramilês têm uma fonética bonita, são línguas muito íntimas e devem continuar a ser aprendidas em família. A maioria dos informantes também admite que estas línguas são atrasadas e que quem as fala não fala bem português. Sensivelmente metade dos inquiridos refere que o riodonorês e o quadramilês ainda fazem parte do seu dia a dia. A mesma proporção dos inquiridos admite que estas são línguas desprestigiante.

Com estes dados sentimo-nos em condições de afirmar que *o riodonorês e o quadramilês representam um fator importante para a identidade dos riodonores e dos quadramilese*s. Sensivelmente metade dos inquiridos afirmou que *estas línguas fazem parte do dia a dia dos habitantes de Riodonor e Quadramil*. Parece-nos, também, importante salientar certa estigmatização que parece haver relativamente a estas línguas locais por parte dos seus próprios falantes uma vez que a maioria dos inquiridos considera que são línguas atrasadas, desprestigiante e que quem as fala não fala bem português. Paradoxalmente (ou não) a totalidade dos *habitantes de Riodonor e Quadramil consideram que as suas línguas devam continuar a ser aprendidas*. Notamos assim um certo orgulho relativamente a estas línguas e o desejo bem evidente de que elas continuem a ser aprendidas e utilizadas por parte dos filhos das suas terras.

Língua e identidade

Com a última questão do inquérito verificámos que apenas três inquiridos se sentem exclusivamente portugueses. Os restantes, ou se sentem apenas riodonoreses/quadramilese (sete), ou então tanto portugueses quanto riodonoreses/quadramilese (sete). Estes dados corroboram a conclusão acima observada de que *o riodonorês e o quadramilês representam um fator importante para a identidade dos riodonores e dos quadramilese*s.

Conclusões

Sendo detentoras da condição de “povos raianos”, as aldeias de Riodonor e Guadramil sofreram, ao longo dos séculos, fortes influências do Reino de Leão e, conseqüentemente, do sistema linguístico leonês. Como vimos ao longo do ponto dois deste artigo, o uso destas línguas filiadas ao asturo-leonês deve-se, em parte, ao domínio da Sé de Astorga sobre a quase totalidade do atual distrito de Bragança cuja ação colonizadora foi intensa e duradoura. A juntar-se a este facto, temos a colonização leonesa do século XIII que, segundo Carvalho (2015), se prolongou, provavelmente, até ao século XV, tendo contribuído, certamente, para *a fixação da sorte linguística daquela região*. O isolamento desta zona relativamente ao resto do país e o contacto íntimo, quer comercial quer social (através de casamentos) com os povos do Antigo Reino de Leão *permitem explicar a sua conservação até aos nossos dias*.

Com o estudo de caso que elaborámos, podemos, também, concluir que o riodonorês e o guadramilês não são uma ténue memória linguística hoje completamente desaparecida. Efetivamente, estas duas línguas continuam a ser usadas por alguns dos habitantes de Riodonor e Guadramil, mesmo que em situações mais privadas e informais. Julgamos estar, ainda, a tempo de salvar estas línguas que, como vimos, na opinião dos nossos inquiridos – e também na nossa –, deviam continuar a ser aprendidas em família.

Outra conclusão que pudemos apurar com a nossa investigação é que existe uma repartição funcional bastante estável das línguas em contacto nestas localidades (diglossia estável/instável). Com efeito, o português e o riodonorês/guadramilês continuam circunscritos a domínios sociais diferentes: as línguas locais (riodonorês e guadramilês) são principalmente usadas no domínio privado ou do foro íntimo¹⁷ e o português e/ou o espanhol são reservados para situações formais ou semiformais, bem como na interlocução com desconhecidos.

Somos da opinião de que as línguas mantêm níveis de intercomunicação e de recorrência criativa, sendo os plurilingues quem mais beneficiam desta competência. Assim sendo, **os riodonoreses e os guadramileses apenas ganharão se fizerem uso da sua própria língua**.

Terminamos assumindo as palavras de Verdelho (1993, p. 21): “Nestas circunstâncias, porque havemos de deixar perder os segredos das nossas línguas familiares, por mais marginais que no-las façam?”. Na verdade, uma língua apenas pode ser abandonada pelos seus próprios falantes e, como ficou bem patente neste estudo, os riodonoreses e os guadramileses parecem não querer abandonar a sua identidade linguística secularmente consagrada.

Referências

- BOLÉO, M. P. & SILVA, M. H.. **Mapa dos dialectos e Falares de Portugal**. In: «Actas do IX Congrès International de Linguistique Romane». Lisboa, 1962, ____ «O Mapa dos dialectos e Falares de Portugal continental». In: Castro, I. (seleção): **Curso de História da Língua Portuguesa. Leituras Complementares**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991. pp. 43-70.
- CARVALHO, J. H. «Elementos estranhos no vocabulário mirandês». In: **Estudos Linguísticos**, vol. 1. Lisboa: Editorial Verbo, 1964. pp. 61-72.

¹⁷ No entanto, o português também é usado nestes domínios, daí poder falar-se também de diglossia instável.

- ____ **Fonologia Mirandesa e outros estudos sobre o mirandês**. Picote-Coimbra: Frauga e Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.
- CINTRA, L.F. «Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses». In: **Boletim de Filologia**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 22, 1971. pp. 81-116.
- ____ **Estudos de dialectologia portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983.
- CRUZ, L. et al. «Os dialectos leoneses em território português: coesão e diversidade». In: **Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade**. Miranda do Douro: Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, 1994. pp. 281-293.
- DEUSDADO, F. **Corografia de Portugal**, 1.º ed. Lisboa: Guillard, Aillaud & C.ª, 1893.
- DIAS, J. & CARVALHO, H. «O Falar de Rio de Onor». In: **Biblos**. Vol. XXX, 1954. pp. 191-244.
- FERGUSON, C. A. «Diglossia». In: **Word** 15. 1959. pp. 325-340.
- FISHMAN, J. A. «Bilingualism with and without Diglossia; Diglossia with and without Bilingualism». In: **The Journal of Social Issues** 23, 1967. pp. 29-38.
- HUBERMAN, M. & MILES, M. B. **Analyse des Données Qualitatives**. Bruxelles: De Boeck-Wesmael, S.A., 1991.
- LAKATOS, E. & MARCONI, M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, S.A., 1988.
- LEIRIA, I. **Léxico: Aquisição e Ensino do Português Europeu Língua não Materna**. 2001. Dissertação de Doutoramento (Doutoramento em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.
- MAIA, C. A. «Minorias linguísticas e sociolinguísticas». In: **Revista Portuguesa de Filologia**. Vol. XX. Coimbra, 1992.
- MERLAN, A. **El Mirandés: Situación Sociolingüística de una Lengua Minoritaria en la Zona Fronteriza Portugués-Española**. Uviéu: Academia de la Lingua Asturiana, 2009.
- REIS, L.P. **Prática de Ensino Supervisionada em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico**. 2011. Tese de Mestrado (Mestrado em Ensino) – Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, 2011.
- SANTOS, M. J. **Os Falares Fronteiriços de Trás-os-Montes**. Coimbra: Revista Portuguesa de Filologia XII, 1967.
- VASCONCELOS, J. L. «O Dialecto Mirandez». In: **O Penafidense** (Julho-Agosto de 1882), 1882.
- ____ **Estudos de Philologia Mirandesa**. Vol. I-II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1900/1901.
- ____ **Esquisse d'une dialectologie portugaise**. 2.ª ed. corrigida por M.A. Valle Cintra (1970). Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1901/1970.
- ____ «Breve Estudo dos Falares de Riodonor e Guadramil». In: **Opúsculos**, Vol. IV. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929. pp. 739-790.
- ____ «Guadramil e Riodonor». In: **Revista Lusitana**, XXXIV, 1936. pp. 291-292. [Correção da versão publicada em Revista Lusitana, XXXIII, 1935, pp. 308-309].
- VERDELHO, T. **Falares asturo-leoneses em território português**. In: *Lletres Asturianes*, n.º 50. Oviedo: Academia de la Llingua Asturiana, 1993. pp. 7-25.
- VIGÓN ARTOS, S. El Mirandés nel Cuadro de les Llingües Peninsulares. In: MEIRINHOS, J. F. (Coord.). **Estudos mirandeses: balanço e orientações. Homenagem a António Maria Mourinho**. (Actas do Colóquio internacional: Porto, 26 e 27 de março de 1999). Porto: Granito Editores e Livreiros, 2000. pp. 77-83.

Submetido em 27 de julho de 2016. Aprovado em 12 de outubro de 2016.